

SE nos propussemos classificar os homens do nosso tempo que se preocupam com as coisas do espírito, podê-los-íamos subdividir em dois grupos: os cientistas e os retóricos.

Vejâmos primeiramente alguns representantes dêstes últimos:

Henri Bergson proclamava que «a actividade vivente do espírito é embargada pela intuição, espécie de simpatia que nos transporta ao interior duma coisa e nos faz coincidir com o que ela tem de único». Henri Poincaré não teve dificuldade em responder-lhe (1906): «Recusando a análise e o discurso, o anti-intelectualismo condena-se exactamente por ser intransmissível; se quiser ser fiel a si próprio, esgota-se numa negação e num grito de entusiasmo».

Julien Benda, outrora um feroz anti-bergsonista (1912-1914), a quem deplorámos o fracasso intelectual no *Mercur de France* («La conversion d'un clerc», 1 de Maio de 1929), afirma agora (1953), ao falar dos sábios: «Porque é que nós os achamos acanhados, mesquinhos, faltos de inteligência? Porque êles querem ser apenas científicos num domínio que excede infinitamente a ciência».

Gabriel Marcel tem somente desprezo pela «rêde ainda lacunar que vinte séculos prepararam à superfície do universo espiritual», e glorifica, «as vias de penetração de outra forma directas, que não conseguiriam figurar nos mapas do entendimento».

Não deixaremos de saborear estas comparações geográfico-ferroviárias...

De perfeito acôrdo com estes três judeus místicos, um redactor desconhecido do jornal católico «L'Aube» (24, Junho, 1936) imagina afirmar que uma criancinha do catecismo sabe mais disso que Paul Langevin com tóda a sua ciência...

Que importa! Todos estes casos estavam catalogados an-

Marcel Boll

homem de ciência de renome nos melos franceses, tradutor e prefaciador dos trabalhos da Escola de Viena,

ESCREVEU:

tecipadamente por Théodore Ribot e Edmond Goblot, quando notavam que, na humanidade, há uma considerável maioria de pessoas «que não sofrem nada com a sua ignorância nem com os seus erros, com a confusão e com a obscuridade das suas ideias; que têm gôsto pelo desconhecido, pelo mistério, pelo impenetrável, e não pela verdade; que preferem conservar as suas ilusões; que, fugidios e imprecisos, se comprazem com o vago, por excesso de affectividade e de imaginação, por preguiça intelectual, por impotência de reflexão, por falta de paciência...»

Edmond Goblot opõe, além disso, a espécie humana à espécie animal da humanidade, designando por esta última expressão os indivíduos que se comportam como «bichos» durante vinte a vinte e duas horas por dia. Contrariamente à lenda, que se propaga incansavelmente de há séculos, homens e animais são muito análogos, quasi idênticos nos domínios do «sentimento», da affectividade, da «alma»; o que distingue o homem dos seus «irmãos inferiores», é a inteligência, o pensamento conceptivo e provado, a necessidade de substituir as fantasias sedutoras por um saber experimentalmente controlado.

«O maior desregramento do espírito é o de crêr nas coisas pelo que se quer que elas sejam, e não pelo que se viu que elas são na verdade» (Bossuet).

Não sem um pensamento oculto de justificação pessoal, se proclama vulgarmente que «tôdas as crenças são respeitá-

veis». Esta frase é, para falar com propriedade, desprovida de sentido. O direito de professar crenças inverificáveis não é mais nem menos sagrado que o direito ao êrro ou à ignorância. Em compensação dêste direito, nós reclamamos um outro: o de provar que, em nome dos seus métodos e do seu espírito, bem como pela bôca dos seus representantes *actuais* mais autorizados, a ciência não vê nas religiões senão fenómenos sociais: ela tem o direito e o dever de investigar os processos segundo os quais o sobrenatural foi inventado, em pontos variados do globo, por homens cuja psicologia experimental conseguiu dissecar as almas.

Se as crenças não conseguirem ser tidas como respeitáveis, os crentes são-no enquanto pessoas humanas. Certamente convém evitar tóda a polémica ofensiva, porque um grande número de crentes não conseguiriam ser convertidos (devido à lei psicológica da predominância affectiva). Mas a discussão pode ser cortês, como a que eu sustentei com António Sertillanges, da Ordem dos Prêgadores, nas próprias colunas do semanário *Sept*, órgão dos Dominicanos.

Eu não me ocuparei aqui senão da classificação das diferentes categorias de crentes, tal como ela deriva do exame imparcial do comportamento humano.

1.º A bondade ou necessidade de agradar produz os consentidores, os «tíbios», que querem evitar o desgôsto ou a reprovação que provocariam nos seus parentes se não dissimulassem a sua independência de espírito.

2.º A depressão, a indiferença, a penúria de documentação estão na base duma certa inércia, que obriga a colocar-se lado a lado as crenças teológicas e os conhecimentos objectivos; estes adeptos não sentem necessidade alguma de coerência e de síntese no seu pensamento.

3.º Restam os místicos, os crentes apaixonados, que partem em perseguição do verda-

(Continua na página 15).

CRISTAIS PARTIDOS

Diversos poemas de FERNANDO AUGUSTO

Vende SOL NASCENTE a 5\$00